

Recentemente, batidos aqui e ali pelos bons elementos, eles lograram uma revivescência, com êxito estrondoso, nos tais “textos para corrigir”, armadilha em que caíram até filólogos de valor indiscutível, como um Sílvio Elia, por exemplo. O tal método negativo, que consiste em ensinar a escrever por meio de textos errados se transformou em quartel-general da gramatiquice. Todas aquelas invencionices que, felizmente, iam a caminho do esquecimento foram reavivadas e trazidas para os “textos errados”, que passaram a constituir tortura para os pobres candidatos a concursos e ocasião de prazer sádico para os pajés, os colecionadores de picuinhas e cata-piolhos de pronomes “mal colocados”.

Essa triste herança de Cândido de Figueiredo forma a resistência passiva à ação dos bons professores e filólogos verdadeiros, fornece pretextos para os defensores da “língua brasileira”, - que se insurgem, cheios de razão, contra as falsas regras de gramática impingidas à nossa chamada mocidade estudiosa -, e contribuiu poderosamente para o estado de decadência a que chegou a nossa pobre língua literária, pelo horror que a muitos escritores inspirou o impraticável estudo das normas da língua-padrão.

(In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22-9-1946.)

QUE LÍNGUA SE FALA NO BRASIL?

(1966)

A questão do idioma é das que mais apaixonam as comunidades. Por ser a língua o mais cotidiano e o mais poderoso dos fatos sociais, sentem os homens que nela está o critério exterior primeiro distintivo de uma nacionalidade. Os bascos se reconhecem e se aglutinam pela língua, embora se achem divididos politicamente entre a Espanha e a França; os catalães usam sua língua para afirmar a nacionalidade; neste momento se encontram em viva dissensão os belgas, extremados entre flamengos e valões, sendo a língua, germânica ou românica, de uns e de outros, a senha de partido. As múltiplas nações encampadas sob o nome de União Soviética têm seu último bastião de resistência na língua, ciosa e penosamente guardada no recesso dos lares.

O Brasil é, no mundo de hoje, um dos países de mais forte e profunda unidade nacional. Não há aqui minorias, não há regionalismos agressivos e separatistas, o filho do imigrante se integra com a maior facilidade, e enfaticamente se proclama brasileiro, às vezes até com certo jacobinismo. Apesar da formação segregada dos diversos núcleos de povoamento e colonização, que fez com que o país até muito recentemente fosse um arquipélago, surgiu e solidificou-se uma consciência de nacionalidade, que

irmana, *a priori e a posteriori*, um gaúcho e um amazonense, um carioca e um mato-grossense, um mineiro e um potiguar, um papa-goiaba e um barriga-verde.

E correspondendo a esse admirável e impressionante espírito nacional, uma admirável e impressionante unidade lingüística.

Enquanto na Europa se falam quarenta línguas e centenas de dialetos, nestes nossos oito milhões e meio de quilômetros quadrados a rigor só há dois dialetos, um dos quais obsolecente, em vias de desaparecimento, o caipira.

Portanto, forte unidade nacional e notável unidade lingüística, ambos tesouros preciosos, que se concausam e reciprocamente se sustentam.

Mas que língua é essa nossa, tão solidamente una?

O homem comum, que geralmente tem instinto de acerto, fundado no bom-senso, não tem dúvida sobre qual seja ela: é o português. A própria fraseologia o atesta. Qualquer pessoa diz, por exemplo: “Falando português claro, o que eu quero é aumento de salário”; ou “Em bom português isso se chama preguiça”; ou “Esse Fulano parece que não entende português!”.

Enquanto isso em diversas oportunidades grupos de intelectuais, quase sempre escritores, têm ventilado o problema de uma “língua brasileira”, autônoma, diferente da portuguesa, chegando uns a afirmar a existência de tal língua, contentando-se outros em anelar por ela. Um dos ingredientes do famoso Movimento Modernista de 1922 foi a “língua brasileira”, conforme este claro depoimento de um dos participantes ativos, Plínio Salgado:

Foi em 1922 que erguemos, em São Paulo, na memorável Semana de Arte Moderna, o grito de liberdade contra todos os preconceitos literários do Passado; contra o academicismo artificioso; contra a mecanização dos processos de estilo, contra as cansadas filosofias ocidentais. E, desde então, começamos a ler no livro aberto da vida nacional as verdades humanas essenciais... A um conceito clássico, estaticista do idioma, opusemos a concepção clara e dinâmica da língua brasileira, em função histórica de existência e de transformação”.

(*Obras Completas*, Editora das Américas, S. Paulo, vol. XIX, pp. 170-171).

Igualmente, tornou-se bandeira do nacionalismo fundado por Plínio Salgado, o Integralismo, a defesa da “língua brasileira”, como se vê por exemplo, num Herbert Parente Fortes.

Temos, pois, a consciência espontânea do homem da rua a considerar como “língua nacional” o português, e a consciência refletida de escritores e ensaístas a apelar para o “brasileiro” como única legítima língua nacional. Com quem está a razão?

Para responder, é necessário apurar o conceito de “língua”, operação a que se aplicam aquelas palavras de Santo Agostinho: “Se não me perguntarem o que é o tempo, eu sei o que é o tempo; se me perguntarem o que é o tempo, eu não sei o que é o tempo”.

Confusamente, todos sabem o que é uma língua; mas se tiverem de defini-la, muitos ficarão embaraçados.

Libertar-nos-á da perplexidade uma grande figura, Ferdinand de Saussure, pai da Lingüística atual. É dele uma distinção importantíssima entre “*langue*” e “*parole*”, língua e fala.

Língua é o fato social, é essencialmente um sistema, isto é, um conjunto harmonioso, homogêneo, interiormente travado, solidário e comprometido, uma armação, um rígido e rico esquema de sons, de formas, de processos, de relações. Assim, as palavras de uma língua têm certo jeito próprio (*pietà, pitié, piedade, pity* são originariamente a mesma palavra, vestida à italiana, à francesa, à portuguesa e à inglesa), fazem o feminino ou o plural de determinado modo, utilizam este ou aquele processo para exprimir o grau, aumentativo ou diminutivo, comparativo ou superlativo, agrupam-se desta ou daquela maneira na frase, onde se relacionam por meio de tais ou tais preposições ou conjunções, ou por meio de tais ou tais desinências verbais.

Nessa estrutura, nessa travação, nesse sistema é que reside, fundamentalmente a língua. Uma frase como esta: “a girl flirtava com um sportman no hall” todos concordarão que é portuguesa, sem embargo de serem inglesas todas as suas palavras significativas. E por quê é ela portuguesa? Porque sua estrutura é portuguesa, sua arrumação, sua armação, seu sistema é português: artigo (determinante) *a*, relacionamento do verbo com o sujeito da 3ª pessoa por intermédio da desinência *-ava*, subordinação do complemento ao verbo por meio da preposição *com*, relação de lugar expressa pela preposição *em* (“no hall”).

A língua, o *sistema*, é um grande reservatório, um imenso armazém, arrumado e coerente, onde vamos buscar nossa expressão.

E aqui está o segundo elemento da dicotomia de Saussure, a *fala* (*parole*). Quando nos comunicamos, quando nos externamos, seja na conversa despreocupada, seja na entrevista cerimoniosa, seja na palavra escrita, rigorosa, literária ou poética, estamos sempre *escolhendo* no grande armazém, no armazém que está na nossa memória e na memória de todos os membros da mesma comunidade lingüística. Nesta escolha consiste a *fala*, que é o uso individual da língua, marcado pela nossa personalidade, pelas modas do momento, pelas sugestões do ambiente, físico ou espiritual.

Postas estas noções, sumaríssimas, porém claras (assim o espero), podemos concluir com segurança: nossa *língua* é a portuguesa, porque o *sistema*

é o mesmo de que se servem e onde se abastecem os portugueses. Mesmas palavras *fundamentais* (nomes de parentesco, das partes do corpo, das coisas, enfim, diretamente ligadas ao homem essencial), feminino em *-a*, plural em *-s*, aumentativo em *-ão*, superlativo em *-íssimo*, primeira pessoa do plural, nos verbos, em *-mos*, futuro em *-rei*, relação de posse indicada por *de* (“o livro é da minha irmã”), pessoas gramaticais expressas por *eu*, *tu*, *ele*, *nós*, relacionamento espacial das coisas às pessoas gramaticais por meio de *este*, *esse*, *aquele*, etc., etc.

Agora, a maneira de usar a língua portuguesa é uma aqui e é outra em Portugal. Não se trata apenas de diferenças individuais, que evidentemente variam ao infinito, tendo cada pessoa, escritor ou não, seu próprio estilo: “O estilo é o homem”. Não se trata das milhentas expressões individuais, mas de um modo de falar ou escrever, de um estilo de estilo intimamente ligado ao sentimento e ao espírito nacional.

O brasileiro tem um modo de ser, uma atitude, uma sensibilidade, uma afetividade e uma reação diferentes do português. Esse modo de ser é determinado por diversos fatores, de educação, de história, de tradição, de circulação social, de organização política, de influência de paisagem e de meio físico, de tipo de convivência, de escalonamento de valores, de influência alienígena, e tantos outros, que conformam o espírito nacional brasileiro.

E desde que existe esse espírito brasileiro, natural é que ele condicione as escolhas que cada brasileiro faz no sistema da língua. Tanto as escolhas da fala (“parole”) coloquial como nas da fala literária ou artística.

O resultado de tal condicionamento é aquilo que eu chamo de estilo brasileiro. Afirmo, pois, que ao lado, ou melhor, dentro da língua portuguesa há dois estilos nacionais, o estilo português e o estilo brasileiro. E se amanhã se formar uma nação angolana, ou uma nação moçambicana, ou uma nação guineense, prevalecendo aí o fato social da língua portuguesa, natural é que surja um estilo nacional angolano, moçambicano ou guineense.

Esse estilo brasileiro, muito reconhecível em certos escritores como Carlos Drummond de Andrade (mormente na primeira fase), em José Lins do Rego ou em Manuel Bandeira, é que tem levado certas pessoas sagazes mas ignorantes do assunto a falar em “língua brasileira”.

O estilo brasileiro se manifesta em muitos vocábulos que aqui se usam, nascidos de importação tupi, africana ou de línguas européias modernas, nascidos de formação própria (pelos processos portugueses, como sufixação ou composição), vocábulos conservados da língua antiga (e esquecidos em Portugal), ou enriquecidos de significados novos. Manifesta-se também em certos tipos de escolha sintática, seja da sintaxe de posição (a questão da colocação dos pronomes, por exemplo), seja da sintaxe de regência (v.g., “abra

a porta para F.” brasileiro; “abra a porta a F.” - português). Manifesta-se, igualmente, nas imagens, comparações, metáforas, e na *conotação*, ou tonalidade afetiva, de muitas palavras.

Concluindo: nossa língua é a portuguesa, mantida aqui admiravelmente una; mas utilizamos esse riquíssimo e plástico *sistema* de acordo com nossa visão e nossa sensibilidade brasileira, com “estilo brasileiro”. Por uma estamos integrados na cultura luso-tropical e na civilização românica; pelo outro afirmamos nossa vigorosa nacionalidade.

(In *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3-4-1966.)

ETIMOLOGIA POPULAR.

(1946)

Tem-se dado este nome a um processo de modificação e de formação de palavras, e às vezes até de frases, muito caro ao povo e comum a todas as línguas. Consiste nisso: ouve a gente do povo uma palavra ou expressão estranha à sua linguagem e a relaciona imediatamente com outra palavra ou combinação de palavras que lhe são familiares e que apresentam com a nova expressão certas analogias obscuras, o mais das vezes paridade de som. Influi o termo conhecido no desconhecido e o ajeita à sua imagem e semelhança. Desta sorte se produzem alterações não raro violentas na estrutura de certos vocábulos que entram no uso popular, alterações essas que aberram das leis da fonética histórica e que acaso poderiam constituir problemas insolúveis para o filólogo ou lingüista que não atentasse à “etimologia popular”.

Nos seus magníficos *Novos Estudos*, dedica o saudoso Mário Barreto um interessante capítulo ao processo em questão (cap. XIX, da 2ª ed., de 1921). Vêm aí apontadas várias metamorfoses ocasionadas por aproximações fonéticas. É o caso de *vagamundo* por *vagabundo*. Para o vulgo, a palavra, nesta forma última, é desprovida de conteúdo significativo, e ele inconscientemente a transforma em *vagamundo*, por influência de *mundo* e do verbo *vagar*: *vagamundo* = “aquele que erra pelo mundo”. É o caso de *praia-mar*, novo traje de *prea-mar*, vocábulo composto de *prea* (do latim *plena*, “cheia”) e *mar*, formado quando esta última palavra ainda era feminina (cf. francês *la mer*), significando, pois, o composto “mar cheio”. Desconhece o povo a estrutura do vocábulo, ignora o sentido de *prea*, que se arcaizou, e tendo na mente *praia*, sugerido por *prea*, sem o querer muda a expressão em *praia-mar*. Lembra o filólogo patricio que o povo transformou o brocardo